



*Art. Publicado
no Jornal da
Cruz Vermelha de*

CARLOS MORAIS DA CRUZ

Depois de ser operado a um braço, devido a um acidente, faleceu, repentinamente Carlos Moraes da Cruz.

De há muito que o seu estado de saúde estava abalado, mas nem por isso o esforçado militante sindical e cooperativista abandonara a sua infatigável actividade quer no seu sindicato, na sua cooperativa como na AIL. Não faltava aqui com o seu ardor, a sua persistência na acção quotidiana que melhore a vida dos que trabalham, e apesar da sua vida plena de esforços, nunca duvidou da sua utilidade.

Era ainda um daqueles trabalhadores que não teve acesso à instrução, somente ao trabalho, mas aplicou-se confiado no desejo de ser útil, e conseguiu formar a sua capacidade de militante activo.

Além de uma actividade sindical bastante notável, foi um dos criadores da Cooperativa Economia dos Estivadores, e ainda nesta casa ocupava presentemente

galvna intelectual, sou pelo menos uma personalidade idiossincrasa, eivrosas e pias, de modo deixar amarras.

Ed distribuição de jobs foi feita por letra a organização confederals pela juventude e também jobs anarquistas que são a margem destes movimentos em estado de as suas colocações não determinaram, mas que estavam todo auxílio que podem dispensar, tanto o sul como o norte embeçens o jobete.

Devese pelo norte onde chegou depois dai abalar, onde encontra a minha chegada o Secretar, e o novo amigo e camarada Chante quem foi entoque o embulle, dirigiu-mos no logo em seguida ao escritório do novo camarada Spothiques onde se encontra empregado o mesmo Heceiros, W. Rodriguez, além de esperar pretendem logo saber ao que se a equal Heceiros, dizendo ele, que não era a pessoa indicada e mas para todo o mundo para que se realizasse e meu intento, ficando o seu escritório à disposição caso fosse necessário ali reunir-se-mos.

Tou 5 dias ali, falando com todos os camaradas onde dispensaram-me o maior carinho e solidariedade o que me orgulhou bastante em me encontrar entre indivíduos que concebem também as novas ideias. Falo que os meus ao encontro da minha etatia entre eles, e que me confessaram ali a existê organização, embora ainda não estarem em actividade pelo motivo se eles estavam ou não de acordo com as directrices que imprimiam a organização, ego tinham já distribuido um trabalho para ser discutido numa próxima reunião.

Deixa-me dizer-te que conversando, venao foi ^oStott, foi com a sua maioria, eles aceitam de alma e coragem a orientação do P. G. T. porque acham que primeiro de tudo está em fortalecer nos para fazer frente

o que foi necessário.

Qua para se ter dado uma reunião, e que não foi possível, e também não podia aguardar para a realização de tal, e então aventamos me que era mais importante como seja a sua representação directa ao conselho confederals, o que eles até hoje ainda e não realizaram. Que se não já não estámba o caso, porque dizem ser já costume.

Fala de teu amigo, lamentam que o trabalho por intermedio do Secretar, que uma vez ali não o que podem fazer. Sobre o teu trabalho que é cedi para se promoverem porque esperem a minha retirada para fazer a distribuição.

Ed ora falando no que aconteamos, das condições de grupos mistos em Alais, ou deito deito modo que achamos melhor, ei em Coimbra, embora facto de que acima já expôs.

Primeira saber qual foi a impressão que causou o Botetim, e quanto nelle vai alguma coisa certa, que referente a opinião de dois camaradas, que julgo dignos de ti, e não vai demais alguns, foi porque me foi impossível adquirir, principalmente do Valentin. Ele entende digo-te que no fundo causou bem impressão apesar de ontarem uma impressão honraia, pelo colaboração directa nos organos dos Estados, alguns chegam a empregar em alle phases? Qu não admira, mas o Fenitio com por cento

anarquista é que é para admira? Falo que eles se baseiam no que tu acrescentas ao logo, e pelo exposto no Botetim, e no que ele diz a toda a gente que está de propósito accido com elle, ao que me temo levado a desconfiar-te, e não sou que sou o fazer duma maneira erronea, mas não te o diria, que tu és da opinião si, mas duma colaboração directa com todos os sectores

VB
ticos para derrubar esta situação, e nunca como o Pejo preconiza, p
ai até a constituição e criação de ministerios, com os respectivos minis
tantes da Q. G. T. como no "Parlamento".

minha apreciação sobre o Boletim, vejo que também não está clar
n as confusões, embora, além disso verificar que diverge daquele trab
entado na clareza, porque aí é mais claro, pois que só admities o a
nto de esses órgãos num movimento revolucionário para assim se tome
o funcionamento da nossa máquina.

esses numa carta que enviastes que não estranhavas o meu proce
que as minhas reticencias não deixavam dúvida alguma, mas pare
essas reticencias nada tinham de anormal, porque não me podia prom
primeiro fazer a análise que era necessário ao teu trabalho, porque nã
é bastante claro, não só porque não sou individuo de duas faces e remp
uei uma posição digna da minha pessoa, como das ideas, como parece
s que provam estas minhas palavras. Parece-me ter comprido com tu
inamos, e não ser na demora de informações, mas parece-me que já es
justificado, apenas não cumpri do lugarço que o Pejo a viade ficar a
hela razão do facto de não te poder comunicar, e ainda mais pelo Pe
r-me, pois quando me vês desviar de mim para seguir por camin
bre a Beatriz estabelecestes uma dúvida, que não tinhas razão de a p
tão por muitos factos. Primeiro: pergunto quantas vezes já me encontra
tira, ou que eu falsiarre a verdade, para dizeres que falava nela p
rimar e para mostrar que alguma coisa faço, esquecendo tu que e
essa necessidade, porque os factos falam como gente, e então lemb
em horas muito diferente destas, que muitas vezes as desavenças existentes
o obstaculo, porque dinheiro havia-o, casa com mais facilidade, tipo e op

será o que
faz a faz
14 milia.
Saudades
deste teu
cunhado,
Trindade
P.E.
Faz-se-me
uma ancia
sa, a mo.
do a quem
royrei, pois
se o entendes
nao te arre
trandas, segue
o conselho dessa
boa pessoa pois
honeste-me que

R 19-5 45
24

Atten para Santana.

Saude!

NB

Como amigo e cunhado sou te a parte
ar-te que recebi a tua carta, hoje, data
de 14 de Maio; caso interessante que
tuas escrito uma na mesma data; e sou
te quando sai do trabalho e que a meti
correio, porque quem entrega as coisas
fazes e o que lhe acontece, e por coincidência
chegar a casa vou encontrar a tu carta,
toda da mesma data em que eu escrevi
Entrando na leitura, da tua, tão sentida
ta, não sei o que te hei-de responder,
locantes-me de tal maneira que só que

CENSURA



para te dizer o que de facto te haviei' deys honr sujeito, mas que não é a possibi' para tratar
fais combeço de-me tu si aos, mudando, comung, de fais assuntos. E des ali ficaram de avers, o
hão tivesse me combeido melhor.

Digge-me que te figurei de averses' logo maneira ate o Barcha não teve combeimento
em seguida, eisa que meo me sendo, e disse, porque eles pediam que não lhe desse a
afensas rei, que é onde tens razão, que havia combeer tal caso.

Ites exerito logo que aqui chegou rei (Fribonã) e o que te pedem ter dito de
mas se o não fiz; julgo que para li que aures' mim, e ate mesmo o que tu passas julgar de
me tratates como d'alis querendo tratar, não seria mais me interessa, porque tenho a minha
juveio justificar. Sabes que tenho uma parte consciencia' tranquila, e sabes outras não d'icas
grande, e o estado de soude, que tu estou emhada o mesmo, e dai as que espinhas, e não esperares,
se encontros, e dai poderes chegar a conclusõ e que pretendes diminuição, com certos que
re eu nos linhas exerito eus porque avulta applicativos, mas enfim é a vida. Vós não quero
mas teia lido occurrir para o fazer de maneira nenhuma que tu arripis caminho.
Sabes o Barcha julgo que manda deitas coisas sobre o que mandas-las diges, pois que acho

meu eu, nhado ai, da To me, hece confia, sa, e eres que se que, nam da fa, milia, que, não refam, Tão mais e que fazem, como tu fiz, Ter que num, eu esquece, Ter a fam, lha. Tem breve, iria-te, visitar a, prima, Bictres,

familia que a gente a pulvamos sincero
passados tempos a gente pasma com certo
tudes e daí o facto de eu me convertido a
num moroto, num patife, ou regressor ao la
meus pais para me darem conselhos do que
-de fazer, passar apenas a ser um anim
carga, e portanto ter personalidade, para
me deixar arrastar.

Como na carta anterior te dizia não me
sido possível ir a casa da tua mãe, Espu
em breve, apenas o trabalho me facili-te,
no também queria ir a casa do teu compa
ndeisea, pois que não me recordo da direcção, o
ão da minha pressa de ir também a ca
tua mãe. O Mauricio já escreveu mas
tambem me dizendo não ter enviado, por ca
idem da morada. De modo fica desengan

Amigo e camarada Santana:

Saúde!

Em primeiro lugar deves desculpar esta demora porque não era minha intenção, pois que desejava-a fazer lo mais rápido possível. Forçado por circunstâncias que a justificá-las, não as tinha na devida consideração atendendo à maneira como já noutra ocasião as classificas. ^{hoje desnecessário está-las mencionar.} A carta que recebi, esperava com certa avides, por que não só era o interesse de saber de ti e dos outros companheiros, como também sobre a delegação dessa localidade, isto em relação com o que te tinha exposto na minha última carta. Entendestes não responderes, talvez, já não te interessas por não achares oportuno, mas seja porque seja, ^{eu} aguardo.

O propósito que me anima nas nossas relações, é manter a estima que sempre nos caracterizou, estreitando cada vez mais os laços que nos unem, tornando-os mais fortes, mesmo que entre nós possa haver "divergências", procurando que se não quebrem neste borbulhar de discussões, em que se procura a verdade e firmes neste vasto campo de convulsões sociais.

Sabes quando me alistei neste exército, que o fiz como que si todos o fazem sei as verdadeiras ^{de conhecimento} noções das doutrinas, apenas existiam preliminarmente, o seu esboço, que foi suficiente, para que fosse um soldado bem disciplinado, na defesa de tais princípios. Se bem para sê-lo, é necessário, que o indivíduo adquira independência de raciocínio, e de espirito, como ter personalidade, Sabes que isso em mim não foi difícil de encontrar, e aprová-lo está a minha acção contra camaradas que me julgavam seus satélites.

Um deles, foi o nosso Pacheco, pois tendo-me traído pela organização, começando a militar com ele e contigo, mas chego

camadas climáticas, sobre por vezes, alterações mentais, e psicológicas.

18

Não quero de forma alguma, pois que, a minha carreira intelectual, é absolutamente nula, ir destruir pensamentos que foram reflexos de conclusões, de estudos e análises dos acontecimentos históricos do Proletariado, e daí uma nova noção das realidades do momento, em que entendes que é preciso novas táticas, que eu contesto, apenas exigindo que faças de novo um exame retrospectivo sobre os acontecimentos, da tua acção e dos teus escritos, haver se consegue harmonizar todos os teus pensamentos.

A Revolução Espanhola tem sido a origem que a motivou de todas as oscilações, porque ela realmente fez tremor os alicerces da Sociedade em que os homens hoje se debatem para lhe dar uma solução.

Apesar da experiência que trouxe aos Trabalhadores, e a nós principalmente, há os que, por indole, ou pouco esclarecidos, ou ainda por acharem que foi essa a melhor maneira de actuar perante o engrandecimento das ideias, o da colaboração e governamento em vez daquela conduzida restritamente pela C.N.T. e F.A.I. da socialização dos produtos, e da colectivização da indústria, dispense assim nestas regiões qualquer influencia do aparelho estatal.

A colaboração governamental, só nos trouxe prejuizos e mal estar, fazendo-nos desperdiçar tantas energias nessas panaceias, quando podiam ser aproveitadas nesta hora de saneamento moral e social.

Em Plenos da C.N.T. e das organizações específicas, realizados em 1945, para observar a conduta referente à constituição do novo governo espanhol, forçados por essas circunstancias, de propaganda dos politicos, reuniu e deliberou, ^{que} ~~voltaram~~ à permissiva posição anterior à guerra, (a de não colaboração), respeitando assim as deliberações do seus Congressos, aguardando, para o proximo futuro todos os problemas que lhe dizem respeito.

O mais interessante deste facto, foi ^{os} ~~os~~ militantes que fizeram parte no governo durante guerra ^{foram os que} ~~mas se~~ radicaram

a combateram tal ideia, por a considerarem nefasta e prejudicial à revolução.

Estes plenos tiveram lugar em França e México, em que os camaradas tiveram o bom senso de deixar amadurecer o fruto para melhor colhê-lo.

Além disso fizeram uma estatística para verificarem qual era a percentagem favorável ao colaboracionismo, e obtiveram a infima percentagem, de 5%, e com agravante, de ser do movimento interno, ^{que mais contribuiu para essa percentagem} (Espanha), onde não é possível tratá-lo com a expansão que requiere.

"Começo agora por transcrever os parágrafos duma tua carta, de Setembro de 1944, dirigida aos militantes da C.G.T.

Universalmente se reconhece que o futuro será modelado pela ascensão das classes trabalhadoras à administração da produção, e que nós acrescentamos, à administração social.

Quem formará a força social e económica dos trabalhadores? A fama de doutores engendrados nos partidos políticos de matizes republicanos e marxistas? Por aí, podem todos descansar porque não faltarão líderes. E isso que estais dispostos a consentir? Se assim for, o totalitarismo destruidor do homem, da personalidade e do operário de consciência não terá desaparecido com o fascismo, mas reaparecerá, totalmente remoçada com as tintas das soluções radicais da última hora.

.....
..... agentes passivos de certas confarias como temos sido de Salazar.

c) organização duma força organizada capaz de provocar a queda do salazarismo e impôr-se ao inevitável desvairio dos políticos duma próxima situação política rotulada de democrática, ou das coligações que são de prever.

Falta à turma do "P.C." militantes operários com conhecimentos

tos da organização sindical, até mesmo núcleos capazes de avassalarem o que na sua ambição está para se apoderarem. U. P. C., podemos dizer, é uma caricatura, uma furria que joga com o ambiente que se formou pelas circunstâncias exteriores. Se no futuro se sentir livre poderá tripudiar, se se lhe antepôr um núcleo confederal energético, inteligente e activo, a sua acção não ultrapassará a nossa.

É preciso criar entre nós o clima de tolerância para não nos dividirmos a esgrimir por simples mitos. Isto ou aquilo, mas que seja realizado, e sobretudo, uma C. G. T. capaz de opôr-se aos desvírios políticos e de assumir o papel conveniente às conveniências das reivindicações operárias.

Não nos suggestionemos pelo estafado mito de manobras política de frentes únicas, ou unidades impossíveis, mas parece-nos necessário que seja a C. G. T. a primeira a colocar esse problema nas bases lógicas e práticas.

- a) a C. G. T., central de todos os trabalhadores, é o instrumento da unificação das forças trabalhadoras, salientando-se que a criação doutra central é a coisa. Para que o possamos dizer, é preciso reorganizá-las.
- b) adesão de todos os trabalhadores, à C. G. T. deixando a um Congresso Nacional a solução de todos os problemas em discussão.
- c) independência e personalidade do movimento operário.

Quem poderá dar à C. G. T. essa valorização e capacidade? Os camaradas sindicalistas libertários e anarquistas.

É preciso pôr fim aos desentendimentos existentes. A falta duma doutrina libertária comum aos camaradas de ambas as correntes foi a causa da debilidade do movimento confederal. Dum vez para sempre: não se pretende fazer uma C. G. T. anarquista, ou célula do movimento anarquista, o problema resume-se, com o acordo de todos, em que é preciso que os libertários actuem na organização sindical, imprimindo à sua acção as nossas ideias, defendendo-a das ingerências políticas.

(Julgo que estes teus paragrafos dispensam de eu fazer comentários.

Quando referes a tolerancia, dáis a impressão que nós não somos sugestivos de a ter, e daí as razões de não termos conseguido que o prato da balança pendesse a nosso favor, porque sabendo tu já por experiência que as divergencias no nosso seio, parte já de à longo tempo, mas que muitas foram como as do presente. Não se trata só dum assunto puramente, de métodos de luta, ou de ideias, mas sim de dignidade e personalidade, em que alguns dos militantes revelam, pela falta de firmeza na defesa dos princípios, principalmente os que orientam a C.G.T. Isto representa nada mais nada menos do que o reflexo da mentalidade revolucionaria gerada no nosso meio.

Sabes que quando regressiei, ao entrar em contacto com os camaradas, o que me desgostou imenso ^{foi o facto} de os encontrar quasi inactivos, e quando te esvi, assim o demonstrei, dizendo que o seu estado de espirito de luta, que era o mesmo, mas que se encontravam alarmados pelo terror dos ultimos tempos.

Portanto á a considerar que não existiam divergencias, nem das que de 1935 a 1937, nem das que existem hoje, e que como também foram sempre em Lisboa que mais se fazem sentir, e que apesar da tua perspicacia e da tão falada tolerancia, não deiscartes de encontrares envolvido varias vezes, e hoje continuarias envolvido, porque o teu temperamento não era de molde a tornar isso possivel. Daí a falta de autoridade de nos acusares de falta de visão politica, e de espirito de tolerancia.

Porta a questão neste ponto parece que chegamos a conclusão que á uma necessidade que impera, e que alguns de nós sentimos, como expressas numa das tuas cartas, duma propaganda restritamente libertaria com a mesma concepção, que a C.G.T. é um movimento de massas, e não um agrupamento politico.

A tolerancia por nossa parte tem sido duma expansão tal, ao ponto de não temer-mos as consequencias, quando dispuzhamos a admitir na ~~na~~ organização todos os elementos que assim o entenderem, como os que se tinham afastados, quando da cisão, sem nos importar com os seus credos politicos, apenas por proporita dum elemento que commoço tratava de se respeitar as normas que serviram de orientação até 1926.

Passado tempo esta plataforma não lhes serviu que segundo eles desejavam que elaborá-se-mos um documento que lhes garantisse a confiança de nós manter-mos fixos o que fôre estabelecido.

4
Isto é que me parece fora de todas as lógicas, pois que sendo nós
um organismo parece que mandamos a boa lógica de obedecer aos estatutos
da colectividade que se deseja ingressar.

Chamarás ainda isto falta de visão e de tolerância? Qu'aceitarás
estas condições? Creio que não; e aprová-lo está a tua actuação no
o sindicato e a que mantêstes no período que motivou ~~esta~~ era tua
última prisão.

Quando falas no esforço que tens dispendido, apesar da tua situação,
parece-me que, eu conheça, ainda não houve, principalmente dos
que mais de perto convivem comigo, que não admirem a tua persistên-
cia, as tuas qualidades de trabalho, e que te não tenham na sua
devida consideração.

Sobre o reatamento das relações com o comité, não é bem exacto
como o apresentas. É claro que não esqueces que tal enlace adveio
da correspondência por nós trocada.

Quando em liberdade, em determinada altura exerevo-te
nela primeira vez, forçado pelas circunstâncias em que me tinha
colocado perante o marasmo dos nossos camaradas, e a sua indisposição,
para o trabalho, pois que alguns não se davam conta das suas respon-
sabilidades, querendo manter o prestígio da Organização, na pessoa do
seu Comité, que nada fazia. Pedi-te então, dado as tuas condições
especiais, que incutisses nêles coragem e confiança para levar-mos
a bom termo o que pretendíamos realizar.

Com isto só quero provar que não foi de balde as sugestões feitas
quando junto de vós me encontrava, e que nem a chama que me
aquecia se tinha extinguido. Fui procurando na medida que foi
possível a execução de tudo quanto tínhamos resolvido e daí derivou
a estabelecer uma rede de ligações pelas quais se puseram em conta-
cto, não só com o C. C., como com a organização, e até com alguns ca-
maradas. De todo este trabalho, é aquele, que, aspirado numa feliz
hora, por vós, da minha ida junto de vós, e ao Norte, em que se
obteram excelentes resultados, nessa viagem ao Porto, completada com
algumas demarches em Lisboa.

Ainda da pouca atenção do Comité, ou do Conselho, com o grupo
de liberdade, segundo a minha interpretação, sabendo ^{elas} que ^{seu} é o orientador,
e cujo trabalho apresentado em vosso nome não tem tido a clareza
dos vossos objectivos, de maneira a não ^{nos} deixar qualquer parcela de divi-

e ainda porque a ~~tua~~ posição que Tomás - tes quando o Pejo chegou
mostrares de acordo com as suas pretensões, os camaradas que consideram
te um puritano, intrensigente, defensor dos princípios anárquicos, consi-
deraram esse facto, ^{como} uma quebra de princípios.

A margem de todas as coisas, o que me tem feito vibrar ^{mais} a minha
sensibilidade, tem sido a fraseologia que tens empregado, referente a mim
porque não são termos que se empreguem para um amigo e camarada
nivelando tão baixo, desprezando-o, de tal modo, que não o torna digno
das ideias.

Nunca te fiz queixa de alguém, apenas lamentava o seu pro-
ceder, por não serem dignos de se considerarem libertários, pelas suas
pretensões de caudilismo, ainda com o agravo de arrastarem a organiza-
ção para o campo da política, do assalto ao poder.

Já não estranho das calificações que se ^{me} fizeram dar dado, pelo facto
não estar de acordo, e que tem perdido todos os meus predicados de bom
rapaz, de bom companheiro. Porque quando te pedia para insuflares
vontade nos companheiros não tinhas isso como queissinhas, mas agora
porque espuz o meu desacordo com as actividades desses camaradas, se
assim o consideras.

Para eu até certa data interpretei o espirito de realisação dos teus apelos
como seja, que fosse a organização que se aproveitasse das circunstâncias
conduzindo-se de mansinho a tornar-se forte e arrastando na sua
evolução, as correntes políticas, de modo que o conjunto se tornaria
uma força para derrubar o Salazarismo, mas nunca deixar ~~de~~ estar

Não podíamos estar mais bem identificados porque eram erradas
^{também} as minhas aspirações.

Mais tarde com o meu espanto, vejo que transgrias nas tuas afir-
mações quando Pejo me afirmava que tu estavas de acordo com ele,
o que eu, como tinha lidado contigo, e convivido, e que tínhamos juntos
repudiado a colaboração, até de simples relações, principalmente com
os comunistas, não pude acreditar no que ouvia, nem mesmo lendo
alguns períodos duma tua carta.

Devo dizer-te quando dialogava com o Pejo encontravam-se
presentes alguns camaradas do sub, que também não estavam de acordo
com ele, como também não quisessem acreditar na tua concordância

Para, éle, sendo o individuo que idealizava uma nova estrutura
da C.G.T., com a criação de sub-secretários, e a participação num gov-
no, sendo tu a pessoa que estavas de acordo com éle, Pejo, daí a

minha dedução, do teu governamentarismo. X NB
Além disso, para confirmação, e para te provar, que não à em mim insinuações à tua pessoa, como me acuras nesta última carta, e numa para Mauricio, em que dizes não te lembrar, a onde tiveres dito, ir ao Terreiro de Paço.

Vou transcrever a passagem em que falas de semelhante assunto. É datada de 18/9/944.

«Em presença das experiências de Espanha e dos acontecimentos político-sociais iminentes aos anarquistas parece ser útil esboçar a acção da tomada dos municípios livres, e estruturando a vida local nêles com o seu complemento sindical no campo da produção. Esta acção seria simultaneamente, a estruturação duma sociedade, a nossa influencia no sistema social, e a defesa contra, as circunstâncias que como em Espanha nos obrigave a ir ao Terreiro de Paço.»

Tendo em conta o que ^{eu} ~~tu~~ passava, teria que se admitir como a expressão de tal realisar.

O que mais é de original e queres culpar-nos, como também o comité deste alvoroço que reina em nossa casa, como não teres já confiança na minha lealdade. Dai considerares, de eu ter sentido reservado quando te perguntei de quem era o dinheiro.

Pelo que vejo tudo te serve para me ferires moralmente, fazendo juras que nunca pela minha idea se passaram, como esta de querer commerciar com a organização.

A pergunta era natural sabendo eu da vossa situação, estranhava o facto, mas supondo que fosse já dalgum nucleo organizado na localidade, dado as facilidades, que tens com o exterior da tua habitação.

Quando te fiz a observação, a tua resposta foi concludente. Dai, assumidamente arrumado. Não era para dizes que isso tinha antecedente em mim e que os punhas em dívida.

Chega a parecer impossível que chegasses a conclusões dessa natureza? Mas como tudo é possível nesta vida; que há que fazer?

A falta da minha lealdade, que pretendes justificar, nas tuas cartas, como parte já exposto nesta minha carta, além das explicações dadas noutras, da minha atitude, o que não tens accitado, deves + se tal vez de eu desajar, que a C.G.T. seja mais libertaria, do que aquela, que dizes, ~~de~~ ^{com elas} ~~nos~~ regressar a Calçada do Combro com todos os seus de-
tos.

Devo também dizer que sobre se por cá à muita gente para que

nos dê-a-mos ao gosto de seleccionar os individuos? Não sei que respon-
der? Mas digo-te que ainda não-de querer tornar-nos responsáveis,
apesar de ser já manifesto nos nossos meios, em Lisboa pelo menos, da
inactividade desses elementos, que para justificarem, a legam razões
que não tem cabimento.

Como se inclinam a futuros Messias, mas como o terreno não se
lhe tem proporcionado, vá de nos acusar de não sermos disciplinados
por não estar-mos dispostos a suportá-los.

Eles talvez tenham razão? mas estão é deslocados. Porque se assim
não fosse, já tinham realizado trabalho util, em pró-organização, por
como sabes, os quadros são duma expansão tal, que nunca são demais
os que querem trabalhar.

Tens em parte tomado a defesa desta questão, tão acerrima, que
chegas ao ponto de nos querer coartar o direito de os criticar. E assim é,
que até supões que à capelinhas, para lançar uns contra os outros, espal-
do a discordia, e quasi queres me envolver com essa acusação, o que
nem por sombras te devia passar pela mente, sabendo que detesto
tais processos, ^{e quer sempre o pincel} que se aclaram quaiqueres mal-entendidos, em atmosfera
ampla e cordial, que as discuti-las em corredores, como dizes, que era costu-
me, no passado, nos compartimentos isolados da C.G.T.

Segundo tambem nos disse que uma organização não se faz só
pela idea de organização, que é preciso ter o sentido vital da acção.

Completamente de acordo! Nem podiamos admitir de outra
forma e que foi dentro desse critério que toda a minha acção emergiu
para a reorganização da C.S.T.

A tua estranheza é de admitir, pois que os informes que tens, não
devem ter sido feito imparcialmente, levando a fazer suposições erroneas
embora seja de admitir, pois que a tua aduinação dos quadros da actual
organização, serem mais perfectos do que aqueles que vivestes de 1935 a
1937, que atingiu o auge da nossa propaganda na clandestinidade,
como aceitar, não ser possível, quando não fosse a publicação de A
Batalha, um simples boletim da organização.

Podia apresentar razões palpaveis para contestar tais factos,
mas não o devo fazer, porque sei compreender o teu azeio, e os argu-
mentos tornariam estereis, ^{dado não podermos realizar a T. é não ser} ~~porque ambos, dado a nova distancia, e a en-~~
~~contras-tes onde te encontras na~~ tão facil neste momento como julgas.

Não é porque não tinha havido oportunidade de se executar tra-
balho que mereça aplausos de todos, Sabes que, o que sempre mais nos difi-

cultura foi a cara. A fumaça foi o ideal. E o Pimenta um dos 6
grandes colaboradores, porque sentiu as ideias e as necessidades das propagações.
Hoje como te vinha dizendo à os que dizem senti-las também, mas
que lhe têm mais interessado as organizações políticas, e até optar por ele
aflijendo-se ~~o ponto~~ de não verem a C.G.T. representada nesses Comitês
de Unidades.

Estes camaradas apropósito chegam a dizer que nunca viram na C.G.T.
tanta rigidez de princípios como na actualidade esquecendo-se por completo
da carta confederal e até da propaganda expressa na Batalha naqueles
teus artigos cujo critério representava o sentir exacto da orientação da Confede-
ração do seu passado.

É precisamente ~~as~~ ^{estas} atitudes que têm dado origem, apesar da eficiência
da organização, a não termos uma tipografia a corresponder as nossas nec-
essidades, pois que chego a supor, até mesmo a admitir, ou fazer esta acusa-
ção grave, que, ou comiente, ou inconsciente, de sabotagem.

É a admiti-las, à várias razões, e uma é aquele incidente que se deu
contigo, na construção das máquinas, no desaparecimento da madeira sobre
carregando ^{esse camarada} a organização, fazendo vender os dias trabalho.

Julgo poder terminar por aqui, apenas quero informar que breve deve-
realizar, (um dos teus intentos) uma conferencia de militantes da C.G.T., que
para tal te enviei, junto desta carta, um convite, e os títulos das teses que vão
ser discutidas.

O convite sei que para ti poderás considerá-lo sem ~~impo~~ efeito, pelo o motivo
de não poderes apresentar-te, e até achar nisso uma habilidade noutra.

Desculpa estas palavras um pouco asperas mas elas são o reflexo dos teus
hembramentos anteriores sobre o nosso procedimento.

Além do que te enviarei agora, mandar-te-ei as conclusões das teses,
e o dia, que se realisa a conferencia, não só para te pronunciares com
um conhecimento mais exacto, do que pretendemos, podendo assim discutir
nos ~~o~~ ^o ~~crit~~ apreciar-mos os criterios de todos os camaradas para uma finalidade
de concórdia.

Tu poderás fazê-las junto com os nossos camaradas que aí se encont-
mandando as vossas resoluções e sugestões, por escrito, e até delegando em algu-
da vossa confiança a defesa das mesmas.

Poderás se arrim o entenderes convidares alguns camaradas porque é natu-
al que ^a nós fôrmos-nos lembrar, não por esquecê-los, mas por não saber onde

se encontram e alguns até desconhecê-los.

Proeuro saber a direcção do Peijo, embora isto te possa parecer paradoxal, mas pretendemos aclarar espiritos de tal modo que todos possamos seguir o caminho que cada um escolher, sem peias nem subterfugios.

Não sei se o José Augusto de Castro sabe nem sei como fazê-lo, mas parece-me que tu o poderias fazer se tiveres relações com ele porque eu apesar disso est
procuras obter informações do morto.

Se souberes a direcção do José Eactano da Covilhã manda-me para
tambem o convidar.

Junto vai tambem alguns jornais que eu e o Mauricio ~~ho~~ achamos a
necessidade de te os enviar senão o fizemos a mais tempo é porque não abun-
dam e que tambem fazem falta entre nós como tambem os enviamos aos
camaradas que estão noutras prisões.

Tenho mais a dizer-te que apesar de qualquer discrepanças que possa
haver, que no grupo cultural Novos Horizontes, que é sempre lembrado,
especialmente por mim e Mauricio que nunca esqueceram a estima que
nos foi sempre dispensada como aquela que te temos.

Recebe saudações libertarias para vós todos
e abraça-te este que nunca ^{te} esqueceu
fazendo votos para que dentro do mais curto espaço
estejam comigo



P. E. Diz ao José Lopes que falei com o Ramalho acerca dos artigos
de verga o que ele apresentou facilidades de colocação.

Se ao José ainda convém tal negocio que lhe escreva para o
seu endereço. Rua Claudio Nunes 61 - A.

O nome é José Ramalho.



Lois 1/2/1946

R 3-3 46
4-3

NB

Amigo e camarada Santana:

Primeiro de que tudo que esteja de saude
em os novos camaradas é o meu maior desejo
é que este desejo não se limita ^{propaganda} a ~~vostra saude~~
mas também a vossa liberdade.

Vou tentar escrever umas linhas, porque
~~mas~~ o tempo não abunda, ~~para~~ ^{agora}, as
suas cartas requerem, para ^{podem} responder. como

Falas em fúria por minha parte, coisa
que eu não possuo, porque nunca vos esqueci,
mas ao que me parece a Tua posição perante
o inimigo, é que se modificou, pois que o tratam
que me dá, na tua correspondência, tudo
devo indicar.

